

ALEXANDRE BRANDÃO DA VEIGA

# O QUE É A EUROPA?



PRINCIPIA





# **O Que É a Europa?**

**Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor; reprodução proibida.**

Sem o prévio consentimento escrito do editor, são totalmente proibidas a reprodução e a transmissão desta obra (total ou parcialmente) por todos e quaisquer meios (electrónicos ou mecânicos, transmissão de dados, gravação ou fotocópia), quaisquer que sejam os destinatários ou autores (pessoas singulares ou colectivas), os motivos e os objectivos (incluindo escolares, científicos, académicos ou culturais), à excepção de excertos para divulgação e da citação científica, sendo igualmente interdito o arquivamento em qualquer sistema ou banco de dados.



## **Título**

*O Que É a Europa?*

## **Autor**

Alexandre Brandão da Veiga

## **Edição**

Princípia, Cascais

1.<sup>a</sup> edição – Novembro de 2011

© Alexandre Brandão da Veiga

**Design da capa** Maia Moura Design • **Execução gráfica** Rolo & Filhos II, S.A.

**ISBN** 978-989-716-052-3 • **Depósito legal** 335348/11

---

## **Princípia**

Rua Vasco da Gama, 60-C – 2775-297 Parede – Portugal

Tel. +351 214 678 710 • Fax +351 214 678 719 • [principia@principia.pt](mailto:principia@principia.pt) • [www.principia.pt](http://www.principia.pt)

Alexandre Brandão da Veiga

# O Que É a Europa?



À Ana Maria Machado de Barros, pela sua superior presença.

Ao Nuno Lobo Antunes, por ser o meu anjo da guarda.

Ao Roque Cunha Ferreira, pela sua generosidade.

Ao Jorge Buescu, pela sua paciência.

À Hélène Devillers, pela sua fidelidade.

À Sofia de Sequeira Galvão, pela sua constância.

E aos meus antecessores, por muitos privilégios.



## I. Introdução

Este é um livro de combate. Não é por isso menos teórico. Bem pelo contrário. Propor teoria num espaço público cheio do fragmento e da opinião é já por si um acto combativo.

Combate contra o quê? Contra o vazio e contra o imenso silêncio que se encontra no espaço público. No meio de tanta vozeria ouve-se de tudo menos da Europa. Inventam-se Europas moldadas por políticos, por especialistas, por comentadores. No meio da vozeria apenas fica calado quem sabe alguma coisa da Europa<sup>1</sup>.

Não engano ninguém. Sou um europeísta convicto, amo a minha pátria, sou um federalista europeu<sup>2</sup>. Raça bem rara, bem sei, mas bem rara sobretudo quando esse amor resulta de um conhecimento transversal da cultura europeia. Não gosto dela porque é minha, gosto que seja a minha. Nunca enalteci o que fosse meu só porque o é. Soa-me a falta de critério. «O que é nacional é bom» não pode ser divisa, mas apenas verificação segura e feliz – se for segura. Se a Europa fosse desprezível na sua cultura, poderia amá-la porque me deu o destino de nascer nela, mas ficaria calado nos encómios. É uma questão de bom senso.

Mas não é esse o caso. A Europa é a maior aventura humana, tanto pela sua profundidade como pela sua riqueza<sup>3</sup>. Que a época o negue diz mais sobre a época que sobre a Europa. Um dia, se Deus me der vida, saúde e lucidez (estou a pedir muito, como é bom de se ver), guardarei tempo para um outro livro. Mas esse será um tratado, respeitante aos impedimentos da Europa. Impedimentos no seu duplo sentido. Os *impedimenta* são a bagagem do soldado romano, do que ele precisa, mas são também estorvo no caminho. Mas nesse caso estarei a fazer antropologia e neste momento vou evitá-la o mais que puder<sup>4</sup>. Falarei apenas no caminho dos obstáculos à teorização da Europa. Já é muito.

Porquê este livro? Por causa do silêncio, como disse. Mas um silêncio a que se junta o agastamento. Fui procurando por várias vias quem teorizasse a Europa, e no meu caminho fui encontrando uns lampejos correctos, mas sobretudo muitos disparates. O ponto de saturação

foi um livro de Peter Sloterdijk. O senhor não tem culpa talvez. Por ser ponto de saturação. Mas comecei a ler a sua obra com esperança de ver ideias, de encontrar uma frescura de perspectiva. Nada. Apenas uns lampejos expectáveis que terminam na ideia da Europa como o resultado... da *translatio imperii*<sup>5</sup>. Ou seja, a passagem do Império Romano para a Europa. Isto em termos simples. Porque não a *translatio studii* do século XII? Ou a do tempo de Carlos, o *Calvo*<sup>6</sup>? «Em que aspecto a *translatio imperii* explica a matemática e a ciência europeia?», pensei. Em que aspecto explica a arte europeia? Poderá explicar alguma coisa da política europeia, mas a *translatio imperii* é apenas uma pequena dimensão de um quadro bem mais vasto.

Pena que um pensador acabe por cair nas mesmas estreitezas que o vulgo. Uns falam da herança cristã da Europa, mas acabam por falar nos valores cristãos. Erro estratégico de retórica, mas sobretudo erro lógico: esquecem-se de falar dos *fundamentos* cristãos da Europa. Esses são inegáveis, só podem negá-los os ignorantes<sup>7</sup>. Outros falam da herança romana e grega. É certo. Mas que conhecimentos têm dessas heranças? E porque esquecem as heranças eslava, germânica e celta, por exemplo? Ninguém fala da herança pré-indo-europeia da Europa. Porquê? Aqui a explicação é bem mais simples. Porque a ignoram. E bastam estes elementos? Não há um mito fundador? Parece-me que sim. Não há apenas Rómulo ou Eneias, Acteu ou Cécrope ou os *Founding Fathers* da nação americana. A relação com o Império Romano é mais funda e encontra a sua explicação alhures. A *translatio imperii* é apenas uma entre muitas outras soluções para os problemas colocados pelo mito fundador, o da queda do Império Romano.

Patočka queria ver na Europa, talvez mais em diagnóstico que em terapia, uma cultura socrática. Mas isto é esquecer o que se passa antes de Sócrates e depois dele. Na sua grandeza (a de Sócrates<sup>8</sup> e a de Patočka<sup>9</sup>), é igualmente esquecer que a riqueza da Europa, seja nos seus problemas, seja nas suas soluções, não se encontra nunca apenas numa vertente, num caminho.

A razão de ser destas teorizações apertadas apareceu-me imediatamente. A estreiteza de uma cultura geral desconhedora em absoluto da ciência, da arte da Europa, muito provavelmente ignorante do seu suco vital, e que apenas visa uma explicação confortável para os meios de comunicação social, para o discurso político. A Europa é mais que

política, bem mais que isso, e, se pode ser uma entidade política, é porque há algo que a sustenta. Ortega dizia que falava do subterrâneo da política e foi dos poucos que soube fazê-lo. Mas é preciso ir mais longe, falar do todo, o subterrâneo, o visível, e mesmo o superno, se tal for o caso. De entre um coro de insuficiências, inépcias ou meras boas intenções destacam-se por vezes vozes de pessoas que realmente conhecem o que fazem. Pensam ao lado, em suma<sup>10</sup>. Quando Bernard Sergent diz que é através dos indo-europeus que se compreende a gênese da Europa termina com um grito de alerta: «apenas desejo uma coisa: ser ouvido»<sup>11</sup>. É compreensível. Tem coisas a dizer e só ouve disparates.

Por isso começarei por falar dos obstáculos à teorização da Europa. Não dos impedimentos da Europa, porque esse seria um fresco da antropologia do homem contemporâneo. Da sua cegueira, da sua incultura, das suas contradições. Seria preciso levantar os vários esqueletos e carnes da modernidade.

Só depois falarei das quatro camadas que consomem a Europa e que são ainda hoje em dia a sua realidade perene. Que não se espante quem vir apenas quatro notas. Cada uma delas tem variantes infinitas, e com o mesmo parco número de notas se faz Brahms e Wagner. Que cada camada seja difícil de definir nas suas características não me preocupa muito. A descrição dos traços gerais de uma cultura depende sempre das metodologias e dos dados disponíveis em cada época. E das modas intelectuais e políticas. Mas, sendo a descrição de uma pessoa sempre aproximativa e falível, isso não impede que essa pessoa exista e tenha uma personalidade própria. Descrever o que é cada uma dessas camadas é um trabalho de muitas vidas e trabalho sempre incompleto. Não interessa. Cada uma das camadas existe por si, por mais imperfeitamente que seja descrita. Por isso apenas vou salienta, sem preocupação de completude, o que de mais inesperado para a nossa época traz cada uma dessas camadas. Não me posso escusar à antropologia, já o disse, por mais que queira evitá-la.

A isso se seguem os problemas da sua dinâmica. Como funcionam essas camadas, como se comportam. A parte mais importante é a sua dinâmica interna. A sua dinâmica externa é menos relevante, mas tem de ser enfrentada, nem que seja pelo contraste.

Não quis fazer um tratado. Apenas despertar a lucidez. É evidente que prometi relegar para segundo plano a antropologia, mas é

impossível ver o mundo, conhecer a sua História, sem se pensar algo sobre o ser humano com o qual se comunica. E sobre que necessidades tem ele de esclarecimento. Para falar da Europa é preciso conhecê-la em todas as suas dimensões, ter tido alguma experiência que seja de todos os seus desdobramentos. Sob pena de se cair no unilateralismo, na síntese apressada, na tendência imponderada. Por múltiplas razões pertenco a uma raça em vias de extinção, para quem a História, a matemática, a ciência, a arte, a literatura, a teologia (fundamental para se perceber qualquer civilização<sup>12</sup>) estão igualmente próximas. Por outras mais, ainda pude vivenciar o que de mais profundo tem a Europa. Pela minha origem social pude conhecer o melhor que ela produz, o que nenhuma universidade dá. E por isso levei muito tempo a perceber que o que é evidente, para quem conhece a Europa em todas as suas dimensões, é estranho, oculto, mesmo bizarro, para o comum. Por isso falar para o comum se torna num exercício de tradução, em que se perde sempre muito do original. Que seja. Por uma boa causa.

Deixo apenas uma nota final. Hesitei muito sobre se deveria ou não colocar referências bibliográficas, notas de fim. Decidi-me a fazê-lo. Por um lado, para que quem pense por um segundo que seja que o que eu digo é estranho, se possa confrontar com algumas pistas que o fundamentam, para que perceba que o que digo não é arbitrário. Mas, por outro, deixo essas notas de fim para os curiosos e para os pretensiosos<sup>13</sup>. Para estes últimos, que se atrevem a teorizar apressadamente sobre a Europa, talvez lhes indique tudo o que lhes falta para poderem pronunciar a primeira sílaba sobre ela. Quanto às críticas, as previsíveis são apenas enfadonhas, as outras esperemos que sejam fundamentadas. Não se preocupe, por isso, o leitor se não se reconhecer neste espelho. Isso apenas significa que foi ele colocado alto demais para que nele se reveja.

## II. Os obstáculos à compreensão da Europa

Mais nenhuma cultura se colocou tantas vezes esta questão: quem sou eu, o que é ser europeu? Só paradoxalmente fica mais difícil dar uma resposta a si mesmo. O europeu comum tem a sorte de ter nascido numa cultura que não se pode considerar rica, porque se a palavra se aplica a outras, em relação à sua cheira a eufemismo<sup>14</sup>. É por isso facilmente compreensível que no espaço público pululem respostas simplistas, umas tão injustas e desadequadas quanto as outras, e em boa verdade pura e simplesmente falsas. Quem sou eu? O que é ser europeu? São perguntas que se tornam tanto mais difíceis quanto é complexa e profunda a cultura. É ser tanta coisa, de formas tão ricas e de modos tão diversos que se torna difícil a alguém responder. É verdade. Esta é a razão alegre para a resposta ser difícil, mas há razões bem mais tristes.

A primeira tem a ver com uma separação cada vez maior entre a cultura dita científica e a humanística. Sempre existiram vocações diferentes. Mas sobretudo desde o fim do século XVIII o afastamento das duas culturas começou a tornar-se evidente. Ainda até à II Guerra Mundial era natural que o físico alemão, francês ou inglês tivesse bom conhecimento de latim, literatura, ou música, e a arte e a filosofia não lhe fossem estranhas. Inversamente, embora os das humanidades fossem mais limitados, ainda há memória de um Valéry que estuda matemática. Mas por exemplo na filologia clássica foi necessário alguém das ciências (um amor de génio chamou-lhe von Willamowitz-Moellendorf<sup>15</sup> – e repare-se que é única vez que usa o termo génio, sendo esse o único elogio que faz à erudição de um francês posterior ao século XVII), Paul Tannery, para começar a estudar a ciência dos Gregos. Grandes físicos com profundos conhecimentos de História na esteira de Pierre Duhem começaram a reair<sup>16</sup>. Esta separação de culturas é um mal em si mesmo, porque gera perspectivas do mundo defectivas e provincianas. É um mal para a própria ciência, porque houve cruzamentos fecundíssimos entre as ciências aparentemente mais distantes<sup>17</sup>. E são apenas aparentemente distantes porque os parentescos entre as várias ciências

se tornam cada vez mais notórios, quanto mais elas são aprofundadas<sup>18</sup>. Mas no que respeita ao pensamento sobre a Europa tem resultados não menos desastrosos. Os cientistas raramente se dedicam hoje em dia à questão da identidade europeia (estou a ser generoso), e o tema fica na mão de pessoas que, na melhor das hipóteses, têm uma sólida cultura humanística, mas paupérrima formação científica. A questão é que a cultura europeia é *toda* a cultura europeia. O que se passa numa parte dela afecta todas as outras<sup>19</sup>. Por exemplo, o movimento estruturalista, que, para o bem ou para o mal, influenciou o pensamento de muitas décadas do século XX, recebeu uma grande ajuda de André Weil (o irmão de Simone Weil, a filósofa), um dos matemáticos do grupo Bourbaki. Lévi-Strauss retirou o apêndice matemático deste autor da sua obra e surgiram gerações e gerações de estudos a dissertar sobre estruturas sem ter a mínima noção do que fosse a álgebra abstracta<sup>20</sup>. Universo defectivo, conclusão desviada. A ciência é uma forma de cultura que é criação da Europa, criação exclusiva da Europa tal como a conhecemos, e passa completamente ao lado dos que analisam Antígona, muito legitimamente, mas muito parcelarmente. A invocação da ciência passa a ser, não problema, desafio ou emaravilhamento, mas mera parasitagem. Quanto menos argumentos científicos se tem, mais se usa o adjectivo científico. O prestígio da ciência é parasitado e vivem dessa parasitagem aqueles que menos a conhecem<sup>21</sup>.

Com a ciência moderna nasce a obsessão com o método. O método é exaustivamente estudado, mas a verdade é que ainda pouco se sabe dos seus mistérios. Grande parte do poder da ciência reside na sua eficácia e por isso a grande maioria das pessoas não se preocupa muito com ele. Esquecendo mais uma vez que é no método que está o segredo da sua eficácia, e que só desvelando o método se conforta a eficácia. Mas algo fica esquecido nesta obsessão com o método. Os arquétipos da ciência. Eles são os grandes não-ditos da História de ciência. As ciências são muitas, mas o que é impressionante é a grande diversidade dos seus arquétipos e como mais de um arquétipo atravessa uma mesma ciência. Não pretendendo fazer obra exaustiva, encontro os seguintes: axiomática, mecânica, construção, morfologia, rede, colecção, culinária.

Cada um destes arquétipos actua em várias ciências e vários deles actuam numa mesma ciência. Alimentam-se entre si, fecundam-se

e entravam-se noutras vezes. Ora, estes arquétipos não nascem da ciência, mas de outras formas culturais. A ciência não nasce da ciência, mesmo que fecunde outros campos da cultura. A axiomática influencia a matemática e a lógica, mas igualmente certas correntes do direito, a física. A sua imagem é a do acusado que tem de provar à exaustão, exprimindo a sua defesa num tribunal impiedoso<sup>22</sup>. A mecânica tem como paradigma o que funciona, e influenciou a física, mas igualmente teorias funcionalistas nas ciências humanas<sup>23</sup>. A construção é por si a estática da estrutura e marcou a álgebra abstracta com as suas taxonomias, mas também as sínteses históricas, a estereoquímica, a biologia, a cristalografia, a psicanálise freudiana<sup>24</sup>. A morfologia, em que a forma gera forma<sup>25</sup>, encontrou na biologia campo privilegiado, mas também na teoria dos fractais (Mandelbrot vem do grupo Bourbaki; é natural que a construção tenha tentação morfológica<sup>26</sup>), ou mesmo na análise (o pensamento de Poincaré era, em muitos aspectos, morfológico<sup>27</sup>), na teoria da demonstração<sup>28</sup>, na teorização da energia<sup>29</sup>, ou no pensamento de Jung<sup>30</sup>, Spengler ou Wittgenstein<sup>31</sup>. A rede, que se encontra nas intertextualidades e nas citações, teve o seu campo privilegiado na filologia clássica, e encontra-se para o bem e para o mal em muita pomposa dissertação de sociologia, antropologia e direito<sup>32</sup>. A recollecção encontra-se na descrição do caso médico, de uma paisagem concreta, de um ecossistema local, na listagem<sup>33</sup>. A recollecção é uma luta contra a infinitude do mundo, um modo de conflito entre o exemplo e o universo<sup>34</sup>. E a culinária, sinal de ciência pouco madura<sup>35</sup>, encontra-se em muito manual de laboratório e naquele imenso monumento à intranscendência científica que é o DSM IV TR («pegue-se em dez sintomas, se se juntarem quatro durante seis semanas é capaz de ser esquizofrenia. Atenção: verificar se os delírios são consistentes com a depressão»)<sup>36</sup>.

Estes vários arquétipos mostram que cada ciência tem várias origens, várias imagens de realização, que se fecundam entre si e que resultam de diversas formas de ver o mundo. Vêm de partes diversas da cultura, de diversas apetências do ser humano, de diversos modos de criação. Ora, cada um deles nasce numa cultura que nunca é neutra em cada passo que dá, e que se alimenta do mesmo solo e das suas camadas. Tentar compreender a Europa sem compreender a ciência e quais são os seus pressupostos é ignorar uma corrente fundamental na cultura europeia<sup>37</sup>. Mas, que isto seja feito impunemente apenas mostra

o profundo horror à ciência que muitos cientistas das ciências sociais têm, desenvolvendo barroco excursão sobre o método e a legitimação do seu discurso (por vezes, em boa verdade, apenas a legitimação dos seus ordenado e posição social), e esquecendo-se de que a ciência existe para servir verdades maiores<sup>38</sup>.

Um dos argumentos mais desonestos sob o ponto de vista científico é o da complexidade. Para desmerecer um modelo afirma-se que tudo é sempre mais complexo do que é apresentado. Há uns 30 anos, um dos meus livros favoritos era o manual de Física Teórica de Landau e Lifchitz, uma belíssima edição da velha editora russa Mir, que fazia verdadeiras obras de arte de literatura científica. Para fazer este livro peguei num dos seus volumes e deparei-me com coisas extraordinárias<sup>39</sup>. Imagina moléculas com uma dimensão infinitesimal (para poder aplicar a análise) e começa por estudar os fluidos perfeitos. Imagina o leitor que uma molécula tenha uma dimensão infinitesimal? Que exista um fluido perfeito? Landau e Lifchitz são uns grandes mentirosos? Ou serão talvez os senhores das ditas ciências humanas que pretendem ensinar como se faz ciência a mestres da física.

Um modelo é sempre uma simplificação. Tanto Aristóteles como Leibniz perceberam desde há muito que o concreto é sempre o resultado de uma determinação infinita<sup>40</sup>. Por isso, quando vejo o homem público dizer que gosta de coisas concretas pergunto-me se tem alternativa senão a de preferir coisas que não domina<sup>41</sup>. Não se faz ciência com determinações infinitas, pela pura e simples razão de que o nosso tempo de vida não é infinito<sup>42</sup>. Que alguém invoque a maior complexidade da realidade em relação ao modelo nada mais diz que o trivial, o que é fácil de dizer. Se não der alternativa ao modelo, apenas se está a escusar à discussão. Trivialidade e dogmatismo são os seus pontos de apoio. Quem não der alternativa, e uma alternativa mais rica, ao modelo, apenas nos faz perder tempo com a sua banalidade agastada. Por isso avanço neste livro com um modelo. Haverá um mais perfeito sob o ponto de vista do pormenor? Não será difícil, esta não é uma obra de pormenor. Haverá um mais correcto sob o ponto de vista da substância? Duvido. Passo o ónus da prova. O argumento é literalmente fútil, ou seja, de boca larga e fundo estreito<sup>43</sup>.

Mas para a dificuldade de teorizar a Europa ocorre igualmente a ignorância da História<sup>44</sup>. Ignorância querida pelos poderes políticos,

que reservam cada vez menos tempo à disciplina e a inflacionam de teorizações enviesadas, expressões idiomáticas arcaizantes (não percebi nunca porque teríamos de falar de «mesteres», de «El-Rey» e disparates quejandos numa aula de História). Pertença a uma geração a quem foi dada a imagem de um país medieval em que se passava a vida a fazer feiras, o rei dedicava-se ao desporto de lançar forais, tinha o tique obsessivo-compulsivo de fazer inquirições, e onde havia uma coisa chamada arraia-miúda que só pelo nome não prenunciava grande coisa. A denegação da História é no fundo uma negação do humanismo<sup>45</sup>. São os mesmos que se dizem humanistas que preferem ignorar a História, mostrando assim um amor à humanidade sujeito a condição... E a prazo de validade. «Amo-te muito, mas agora que morreste vales lixo». É bom sabermos que estarmos vivos é condição necessária para evitarmos o desprezo. E no entanto... No entanto, é inevitável. Caminhámos sobre mortos<sup>46</sup>. O cristianismo teve a coragem de os integrar na cidade<sup>47</sup>. Tenhamos ao menos o cuidado de evitar pisá-los.

Em nada ajuda igualmente a formação de Histórias nacionais. As Histórias nacionais resultam de pressupostos ideológicos algo limitados. As Histórias tornam-se nacionais também por razões muitas vezes mais comezinhas. A língua é de mais fácil acesso, sob o ponto de vista logístico é mais fácil a investigação. Reconheço-o: é evidente que permitiram levantamentos e análises fundamentais para a História. Mas é duvidoso que o espaço de inteligibilidade adequado para todas as questões seja nacional<sup>48</sup>. Existem sincronias que atravessam toda a Europa (epidemias<sup>49</sup>, catástrofes climáticas, movimentos culturais<sup>50</sup>, sociais<sup>51</sup>, religiosos<sup>52</sup> e políticos, inimigos comuns – sejam mongóis, árabes ou turcos) cuja dinâmica só se percebe quando analisada em conjunto. Uma História parala de Portugal, sem conhecer o Mediterrâneo Ocidental, o ducado de Borgonha, ou a França, deixa de lado o essencial. Mas a ideia de História nacional não corta apenas espaços. Corta igualmente tempos. A Espanha apossou-se, e muito legitimamente, de todo o passado visigótico, porque Portugal o abandonou. Da mesma forma, quando se dá a História da literatura nacional dá-se na língua vernácula e deixa-se de lado a língua erudita então vigente. É bom de perceber, porque as dificuldades seriam acrescidas em estudar em latim essa literatura, mas isso dá uma visão distorcida da realidade, como Curtius demonstrou ao revelar na sua extensão a continuidade da

literatura latina depois da queda do Império Romano. O caso torna-se ainda mais gritante com a Alemanha, a Itália, o Império dos Habsburgos, ou a História da mais antiga potência diplomática universal, que é a Igreja Católica<sup>53</sup>. Mas em graus diversos é verdade para qualquer nação europeia. O mundo aparece cortado ao meio, estuda-se o autor do vernáculo, esquece-se o autor erudito, como se este não tivesse ideias, ou não tivesse influenciado o vernáculo, ou não tivesse praticado ambas as artes, como Dante e Petrarca.

Também não ajuda a compreensão da Europa quem tenta ter dela uma compreensão meramente técnica. Disso são exemplo os critérios de Copenhaga. Democracia, direitos do homem, economia de mercado<sup>54</sup> – são estes os critérios, segundo se afirma. Assim sendo, não se percebe porque a candidatura de Marrocos foi liminarmente recusada, ou a Nova Zelândia e a Índia não podem aderir à União Europeia. Ou o Japão. O adjectivo «europeia» é deixado de lado, como se fosse irrelevante, quando é o mais importante, não apenas a delimitar as fronteiras, mas sobretudo a mostrar o fundamento. Esquece-se que os Pais Fundadores eram na sua maioria cristãos profundos, e dois mesmo em vias de beatificação<sup>55</sup>. Para esta corrente, contribuem obviamente factores culturais. Existe um novo-riquismo das ciências humanas, cultivadas por pessoas que nunca viram uma derivada à frente e para quem integral respeita apenas ao pão e à farinha. E que se sentem científicos por terem uma abordagem funcional, estrutural ou sistémica das realidades<sup>56</sup>. Ignoram que uma ciência que descure a paixão<sup>57</sup>, o sentido estético, o empenhamento pessoal, o acto valorativo<sup>58</sup> é mero acto burocrático e não criativo<sup>59</sup>. Dão-se particularmente bem os que teorizam uma ciência como mero ritual e que perante os burocratas se arvoram em magistrados da objectividade, como se o cientista fosse simultaneamente apenas um pedaço do mundo e ao mesmo tempo estivesse fora dele<sup>60</sup>. Dentro da escola cultivam a relatividade da ciência, e fora dela o seu carácter oracular e a importância dos seus títulos académicos<sup>61</sup>. Ao mesmo tempo contestam a natureza enquanto conceito normativo da moral e instituem-na como dogma na visão do mundo, quando ambas as versões são problemáticas, porquanto o conceito de natureza é dos mais culturais que possam existir<sup>62</sup>. Esquecem-se de que a ciência está dentro do mundo e que ao mesmo tempo pretende estudá-lo, não é uma obra de anjos, nem mero discurso ritual. É feita por seres

humanos, mas aberta ao exterior<sup>63</sup>. Sentem que com isso atingem uma depuração que lhes cheira a científica, quando em boa verdade mais não fazem que cozinha industrial. Os burocratas têm muitas funções importantes, mas não as de definir o Estado. Os políticos têm um papel fundamental, mas não o de delinear uma cultura. Sob esta capa de isenção técnica instala-se um pensamento totalitário que não permite a discussão sobre o que seja a Europa.

Esta visão depurada da ciência nasce por definição de pessoas que ignoram o que seja a ciência. E por isso bem se compreende que esqueçam o papel fundamental da teologia para definir uma civilização. Uma teologia não é uma antropologia, mas é frequentemente mais pela primeira que percebemos a segunda<sup>64</sup>. O ser humano tem a característica de dizer obliquamente coisas muito acertadas sobre si e, como se vê, da mesma forma que o faz de modo trôpego quando produz afirmações directas. Se excluirmos raríssimas excepções, como Gauss (e mesmo assim sabemos pouco sobre a sua pessoa), todos os grandes cientistas aventuram-se na teologia, perceberam que a sua mesa conduz a um altar quando vão mais fundo nos seus questionamentos. Mesmo nas ciências ditas naturais e exactas (classificação algo descuidada, admitamo-lo) encontramos quem despreze a teologia. Sem dúvida. Esses são os operários da ciência. Os seus grandes criadores, bem pelo contrário, perceberam que não podiam evitá-la. Era essa a fronteira que não puderam ultrapassar. Misturar ciência e religião é um pecado mortal para jornalistas, sem dúvida<sup>65</sup>. E com alguma razão. Nisso seguem algum pensamento medieval<sup>66</sup>. Mas têm de ser considerados dois extremos, ambos incorrectos: querer resolver problemas científicos com a religião ou religiosos com a ciência, ou separar absolutamente as duas esferas. A ciência deu contributos para a religião e a religião foi e é motivo de criação científica até aos nossos dias<sup>67</sup>. Basta ver a diferença abissal de dimensão dos estudos bíblicos e corânicos, ou então entre a análise do cristianismo e o estudo crítico dos Vedas. Mas ainda hoje em dia o contributo da religião para as ciências não pode ser desprezado, e sobretudo a história demonstra uma relação estreita entre espírito religioso e contributo científico<sup>68</sup>. Quem quiser fazer História da ciência está a usar métodos pensados para a crítica e a filologia neotestamentária e clássica, e muitas categorias da ciência estão imbuídas do pensamento cristão<sup>69</sup>. Ao mesmo tempo que se tem uma fé cega no



«Não sabia o leitor o que é a Europa? É simples. É o resultado da fusão de quatro camadas que actuam dinamicamente entre si: os substratos autóctones do continente europeu, o paganismo indo-europeu, o cristianismo e o mito do Império Romano. Duas culturas, uma religião e um evento mítico. Muito simples. Uma civilização que coincide praticamente com um continente, incluindo o domínio asiático da Rússia e mais os domínios extra-europeus da Europa.

Como analisar essas camadas, como as descrever, essa é outra questão, infinitamente mais complexa.»

[www.principia.pt](http://www.principia.pt)

ISBN 978-989-7160-35-8



9 789897 160356